

**UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE DE
ECOSSISTEMAS COSTEIROS E MARINHOS
MESTRADO EM ECOLOGIA**

GISELE DA SILVA ESTEVES CAMARGO PRADO

**CENÁRIOS TEMPORAIS NO PURUBA (UBATUBA, SP):
TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E PERCEPÇÃO ECOLÓGICA (1991 e 2013)**

**SANTOS – SP
2015**

GISELE DA SILVA ESTEVES CAMARGO PRADO

**CENÁRIOS TEMPORAIS NO PURUBA (UBATUBA, SP):
TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E PERCEPÇÃO ECOLÓGICA (1991 e 2013)**

Dissertação apresentada à Universidade Santa Cecília como parte dos requisitos para obtenção de título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Costeiros e Marinhos, sob Orientação da Prof^a Dra. Alpina Begossi e Coorientação da Prof^a Dra. Milena Ramires.

**SANTOS – SP
2015**

Autorizo a reprodução parcial ou total deste trabalho, por qualquer que seja o processo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Prado, Gisele da Silva Esteves Camargo.
Cenários Temporais no Puruba (Ubatuba, SP): Tecnologias, Comunicação e Percepção Ecológica (1991 e 2013) / Gisele da Silva Esteves Camargo Prado.
-- 2015.
49 f.

Orientadora: Professora Dra. Alpina Begossi.
Coorientadora: Professora Dra Milena Ramires

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Santa Cecília,
Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Costeiros e
Marinhos - Ecologia, Santos, SP, 2015.

1. Puruba. 2. Cenários Temporais. 3. Percepção Ecológica. 4. Tecnologias. 5.
Comunicação. I. Begossi, Alpina, orient. II. Ramires, Milena, coorient III.
Cenários Temporais no Puruba (Ubatuba, SP): Tecnologias, Comunicação e Percepção
Ecológica (1991 e 2013).

Elaborada pelo SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas –Unisanta

Dedico este trabalho

À minha amada mãe, Conceição S. Esteves (*in memoriam*), que me ensinou desde cedo a amar e respeitar todos os seres vivos que habitam o planeta e por todo amor e luz dedicados a mim e ao Universo. Ao meu pai, Adelmo S. Esteves (*in memoriam*), que me educou no caminho do bem e desde sempre me ensinou amar a natureza. Ao meu irmão, Gerson Steves, pelas brigas e por todo o amor que só me fizeram crescer. Ao meu cunhado, Fernando Pinatti, que trouxe muita alegria, luz e música às nossas vidas. À minha sogra, Ecléa de Paiva Camargo, por todo amor, companheirismo e amizade. A todos os meus amigos e alunos que só me ensinaram, apoiaram e deram força. À minha amiga e companheira Andressa Damasceno Bittar, que entrou no mestrado no mesmo dia e que vai terminar junto comigo também. Por estar ao meu lado me ajudando em todos os termos biológicos que eu jamais pensei em ter que aprender depois de velha! Andressa foi uma grata surpresa na minha vida. E, é claro, ao amor da minha vida, razão do meu viver Álvaro Prado, pelo incentivo nos momentos de fraqueza e quase desistência, por ser meu guia e meu porto seguro, por me levar pra todo lado e ficar comigo entrevistando os purubenhos e por só fazer me amar, me respeitar e tornar a minha vida cada dia mais florida e ensolarada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha orientadora Dra. Alpina Begossi por toda a dedicação e horas de conversas sem fim sobre como seria esta pesquisa, por todo o material cedido, por suas experiências de vida e por abrirem as portas do seu conhecimento para mim e minha pesquisa.

Um especial, mas não menos importante agradecimento à minha coorientadora Dra. Milena Ramires por toda a sua paciência e compreensão, por suas aulas particulares, pelos livros, pelas dicas e por entender e respeitar as minhas limitações. Sem sua preciosa colaboração nada disto seria possível.

À professora Dra. Mariana Clauzet, que foi banca da minha qualificação e deu contribuições preciosas que me fizeram compreender melhor minha pesquisa.

Agradeço a todos os moradores do Puruba que abriram suas portas e me receberam como se eu fosse da família, respondendo minhas perguntas e me deixando à vontade para perguntar tudo o que quisesse saber.

Um agradecimento especial ao Sr. Dito, o ancião do Puruba que tudo sabe e tudo nos conta sobre a história desde que seu bisavô chegou em 1808.

Ao meu marido Álvaro Camargo Prado, também professor universitário engenheiro e jornalista que me auxiliou com as perguntas, com as pesquisas e com sua visão colaborando sobremaneira com o conteúdo deste trabalho.

Agradeço a todo o pessoal da Unisanta que sempre me recebeu com um sorriso nos lábios e muito boa vontade, em especial à Sandra Helena Aparecida de Araújo e à Imaculada Scorza que estiveram conosco em todos os momentos auxiliando em tudo o que fosse necessário para o bom andamento do nosso curso, inclusive com minha cadeira especial em todas as minhas aulas.

Agradeço ao Professor Dr. João Miragaia Schmiegelow, o primeiro coordenador do programa, que me recebeu e acolheu (mesmo eu não sendo da área de biologia); e ao Professor Dr. Fábio Giordano, que agora dá continuidade a este espetacular trabalho, por me atender e solucionar minhas dúvidas prontamente.

Um imenso agradecimento a todos os professores do programa de Ecologia que foram fundamentais para que eu chegasse a este resultado, superando todas as minhas barreiras, expectativas e dificuldades. Por me ensinarem o que eu achei que não seria mais capaz de aprender.

Um sincero agradecimento ao professor Dr. Mário de Souza Nogueira Neto, com quem aprendi muito sobre trabalhos acadêmicos e que me deu uma força inestimável para enveredar neste caminho de normas e técnicas. Um amigo sem igual com quem compartilhei muitas horas de orientações e bancas.

“O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.

Maurice Merleau-Ponty

RESUMO

O Puruba está localizado em Ubatuba – SP, a 25 quilômetros do centro. O local é dividido em Puruba Praia e Puruba Sertão. Este estudo focaliza-se no Puruba Praia, local ainda povoado pela mesma família e seus descendentes desde 1808. Hoje, das 50 casas que formam o Puruba Praia, 30 são de famílias moradoras e 20 são de turistas. O objetivo deste estudo foi analisar mudanças no modo de vida dos habitantes do local a partir de dois cenários (1991 e 2013). Esses habitantes habitam áreas costeiras da Mata Atlântica, ou seja, são caiçaras. Foram avaliadas as novas tecnologias presentes no cotidiano dos moradores como o telefone celular e a internet; a construção da BR-101; os impactos destas mudanças nas suas vidas e como as tecnologias contribuíram ou se tornaram obstáculos no modo de vida das pessoas. A partir da montagem dos dois cenários temporais (1991 e 2013), foi feita uma análise comparativa considerando aspectos que não estavam presentes em suas vidas na década de 1991 e que em 2013 tornaram-se imprescindíveis. Para a realização do trabalho foram utilizadas as entrevistas feitas em 1991 pela Professora Dra. Alpina Begossi e entrevistas em trabalho de campo realizado em 2013 no local. Além das entrevistas, foram utilizados outros trabalhos de pesquisa realizados na região do Puruba. Na década de 1970 veio a separação física do Puruba Praia e do Puruba Sertão, com a chegada da BR-101. Junto com a rodovia chegaram também a especulação imobiliária, o turismo, a migração, a demarcação de áreas de proteção ambiental e a pesca internacional. Este conjunto de fatores acabou por impedir que os caiçaras continuassem seu trabalho de pesca, caça e lavoura, fazendo com que os purubenhos tivessem que procurar trabalho em outras áreas como a construção civil, nos condomínios como caseiros, faxineiras ou mesmo no comércio local. A prefeitura de Ubatuba também empregou muitos dos purubenhos. Com relação aos meios de comunicação, hoje todos os moradores do Puruba utilizam telefonia celular, porém apenas para comunicar-se entre eles. A internet está presente em poucas casas e eles só possuem 2 telefones públicos. Atualmente há televisores em quase todas as casas. Apenas um entrevistado, que mora com a esposa e 3 filhos, declarou não ter e não assistir televisão por não gostar. Com relação às mudanças no modo de vida dos moradores do Puruba, apesar de o tempo ter passado, eles continuam vivendo basicamente da mesma forma. Ainda vivem da extração dos recursos naturais, mas complementam com outras atividades econômicas, preservam sua terra, seu local e vivem, na medida do possível, do que tiram da própria terra. A comunidade se manteve – muito pelos laços de parentesco – e seguiu vivendo principalmente da pesca e de seus roçados.

Palavras-Chave: Puruba. Cenários Temporais. Percepção Ecológica. Tecnologias. Comunicação.

ABSTRACT

Puruba is located in the municipality of Ubatuba, in the state of São Paulo, Brazil, twenty-five kilometers from the city-centre. The region is divided into two different areas: Puruba Beach; and the Puruba wilderness ("**sertão**"). This study examines the Puruba Beach area, which has been populated by the same family and their descendents since 1808. Nowadays, out of the fifty dwellings that make up Puruba Beach thirty belong to local residents and twenty belong to tourists. The objective of this study was to examine changes in the way of living of the inhabitants from two different scenarios: 1991 and 2013. The inhabitants live in coastal areas of the Atlantic Forest, in other words, they are coast-dwellers. This study examines: new technologies which are now present in the daily life of the inhabitants such as cell phones and the Internet; the construction of the BR-101 highway; the impact these changes have had on their lives; and whether these technologies have benefited or created obstacles to their way of living. By creating two different time-frames from 1991 and from 2013, a comparative analysis was carried out considering aspects that were not present in their lives in the 1990s and that in 2013 had become indispensable. In order to carry out this study interviews from 1991 were used. These interviews had been made by Dr. Alpina Begossi in 1991, and the field study interviews were carried out on-site in 2013 by me (GP). In conjunction with these interviews other research studies completed in the Puruba region were considered in this study. In the 1970s the arrival of the BR-101 highway caused the physical division of the Puruba Beach and Puruba wilderness areas. The arrival of the highway brought with it: property speculation; tourism; migration; the demarcation of environmentally protected areas; and international fishing. This combination of factors ended up stopping coast dwellers from working in the fishing, hunting and farming sectors and forced them into seeking work in other areas such as: civil construction; or working in condominiums or local businesses as housekeepers or cleaners. Many local residents were also offered employment by the Ubatuba local government. With respect to means of communication, nowadays, all the inhabitants of Puruba use cell-phones, even if it is only to communicate amongst themselves. Few houses have Internet connectivity and there are only two public telephones. Almost all of the houses have televisions now. Only one of those interviewed, who lived with his wife and three children, declared that as well as not having a television, he did not watch it as he did not like it. With respect to changes in the way of living of the Puruba residents, in spite of the time that has passed, they continue to live in much the same way. They still preserve their land, their place and they still extract resources from the forest, rivers and sea, whenever and where they can. Their community held itself together, mainly due to family ties, and continued to live mainly from fishing and from what they could grow on the land.

Keywords: Puruba. Temporal Scenarios. Ecological Perception. Technologies. Communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Praia do Puruba e Rios Puruba e Quiririm.....	20
Figura 2 – Estrada de terra que leva da Rodovia à Vila	21
Figura 3 – Localização do Puruba	22
Figura 4 – Telefone Público no Puruba	23
Figura 5 – a) Unidade Básica de Saúde e b) Capela de Santa Cruz do Puruba.	24
Figura 6 – BR-101 – Translitorânea	26
Figura 7 – Quintal coletivo no Puruba Praia.....	34
Figura 8 – Escola Municipal José Belarmino Sobrinho	36
Figura 9 – Local onde ficava a Roça do Sr. Dito.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos moradores entrevistados na Praia do Puruba (1991 e 2013).	33
--	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Comunidades Caiçaras e Transformações.....	13
1.2 Modo de Vida Caiçara Na Vila do Puruba, Ubatuba/SP	14
1.3 Subsistência do Caiçara	15
1.4 Tecnologia e Percepção Local	16
2 OBJETIVOS	19
3 METODOLOGIA.....	20
4 MATERIAIS E MÉTODOS.....	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
5.1 Aspectos Históricos Relacionados às Mudanças no Modo de Vida dos Moradores do Puruba	26
5.2 Uma Praia, Três Purubas: Percepção Ambiental	28
5.3 Cenários do Puruba (1991/2013)	32
5.4 Resiliência e Permanência no Puruba	37
5.5 Comunicação.....	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
ANEXO A – Ficha de campo utilizada em 1991.....	47
ANEXO B – Ficha de campo utilizada em 1991.....	48
APÊNDICE A – Ficha de campo utilizada em 2013	49

1 INTRODUÇÃO

1.1 Comunidades Caiçaras e Transformações

O termo caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani *caá-içara* que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe (SAMPAIO, 1987). Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores. Posteriormente, passou a ser o nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (DIEGUES, 1988).

“Os caiçaras são fruto da miscigenação entre o índio, português e negro (em menor quantidade) que durante longo período ficaram relativamente isolados na Mata Atlântica e no litoral de São Paulo. Ainda que sejam etnicamente distintos, sua cultura apresenta influência muito grande da cultura indígena de trabalho (coivara, canoas, fabricação da farinha), vocabulário diferenciado dos demais habitantes do estado etc. O isolamento geográfico relativo ao modo de vida tradicional, caracterizado pela fraca acumulação de capital, dependência limitada da economia de mercado, importância das relações de parentesco, tecnologias manuais de pouco impacto sobre a natureza, fizeram com que seu território da Mata Atlântica se mantivesse relativamente bem conservado” [...] (DIEGUES, 2001, p.135)

As transformações e as mudanças socioculturais têm sido constantes nas comunidades caiçaras. Os fatores que caracterizam um grupo caiçara estão além da sua etnia e do local de moradia. O modo como vive esta população é fundamental para caracterizar o caiçara. Entende-se por caiçara o grupo de pessoas que vive em uma área limítrofe entre o mar e a montanha, com isolamento das cidades, que desenvolveu técnicas específicas para realizar seu trabalho relacionado com a lavoura e a pesca como formas de sustento (DIEGUES, 2001; 2004).

Diegues (2004) define também a cultura caiçara como um conjunto de valores e visões do mundo. Os caiçaras são também definidos por suas habitações, embarcações, instrumentos de trabalho bem como sua linguagem, música, dança e rituais religiosos e podem ser definidas como comunidades tracionais, mesmo que eles não utilizem a escrita para passarem o conhecimento de geração para geração.

“A tradição caiçara é entendida como um conjunto de valores, de visões de mundo e simbologias, de tecnologias patrimoniais, de relações sociais marcadas pela reciprocidade, de saberes associados ao tempo da natureza, músicas e danças associadas à periodicidade das atividades de terra e de

mar, de ligações afetivas fortes com o sítio e a praia. Essa tradição, herdada dos antepassados, é constantemente reatualizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. É por meio da tradição que são usadas as categorias de tempo e espaço e é por meio dessas últimas que são interpretados os fenômenos naturais. Tradição é entendida não como algo imutável, mas como um processo histórico pelo qual elementos da cultura chamada moderna são continuamente reinterpretados e incorporados ao modo de vida". (DIEGUES, 2004: pág. 22-23).

1.2 Modo de Vida Caiçara Na Vila do Puruba, Ubatuba/SP

No caso da população estudada, a Vila do Puruba (Ubatuba, SP), a comunidade apresenta ainda traços da cultura tradicional caiçara. Os moradores da vila mantinham-se a partir do comércio da pesca, da caça e do plantio. Com a inserção da vila em área de proteção ambiental, os habitantes tiveram de abandonar tais práticas. Como não poderiam mais sustentar-se sem o comércio, a Prefeitura de Ubatuba realocou alguns dos caiçaras empregando-os como merendeiras e seguranças da escola municipal existente na entrada da vila e também como barqueiros oficiais da prefeitura que traslada os turistas que precisam atravessar os Rios Puruba e Quiririm para chegar à Praia do Puruba.

O que se nota é que a Vila do Puruba, como citado posteriormente, é formada por dois núcleos de casas, divididos, principalmente, pela religião. O primeiro e mais antigo agrupamento de casas vive em torno da Igreja católica e centenária. Já o segundo núcleo se pauta pela igreja evangélica.

Apesar de não mais pescarem para o comércio, os moradores do Puruba ainda confeccionam seus barcos e redes de pesca.

De acordo com Begossi (2006), com a chegada do turismo e o crescimento das cidades litorâneas, os caiçaras passaram a ser mais indivíduos urbanos do que rurais. A região estudada apresenta claramente esta mudança, quando coloca o pescador/agricultor/caçador trabalhando como servente ou segurança na escola pública, apenas para que o mesmo possa tirar seu sustento de outra fonte que não seja a exploração dos recursos naturais, já que os mesmos agora estão fora de cogitação pela lei de proteção ambiental. Eles já não comem exclusivamente o que plantam, caçam e pescam; locomovem-se ao mercadinho mais próximo, no centro urbano e compram seu alimento.

Na época desta pesquisa de campo, a vila estava se preparando para a festa de 100 anos da Igreja Católica localizada no centro do primeiro núcleo de casas. Ocasão em que seria dada uma festa organizada pelas mulheres mais antigas da vila. O evento serviria para reunir todos em torno de sua crença e fé.

Suas casas são feitas de tijolo e cimento. Não há móveis de madeira em grande parte das casas mais antigas, a maior parte da decoração (sofás, camas entre outros) são de alvenaria. Segundo eles para facilitar na entrega, por ser um local retirado e antigamente de difícil acesso e baratear as casas.

Na Vila do Puruba, há um ancião, o homem mais velho do povoado que dá conta de manter seus filhos, netos e descendentes informados do que foi e do que é a Vila. O Sr. Dito, como é conhecido, é um homem analfabeto que construiu todas as casas do povoado. Todos os moradores têm uma relação de parentesco com este homem que passa às gerações futuras, e a quem estiver interessado em ouvir, como era viver no Puruba, caçar, plantar e pescar para sobreviver em tempos em que ainda não havia nenhuma lei de proteção ambiental.

O Sr. Dito ainda preserva seus hábitos caiçaras seja na construção dos barcos que ele faz com a ajuda de um de seus filhos no pequeno rancho acoplado à sua casa, seja na travessia de turistas pelo rio até a praia; quando ele alerta para cada buraco do rio e como a correnteza pode levar e matar quem se atrever a atravessá-lo sem a supervisão de alguém que conheça. O maior orgulho deste homem foi, ao me receber em sua casa, mostrar-me que seu freezer estava cheio de peixes e carne. Peixes que ele mesmo pescara e carne que comprara no açougue de Ubatuba.

1.3 Subsistência do Caiçara

De acordo com Adams (2000), apesar de ter sido o principal meio de sobrevivência, o mar sozinho não poderia prover todas as necessidades do caiçara. Grande parte de seus alimentos e recursos estava na terra e não no mar.

Segundo a autora, “A terra forjou, também, a diferenciação entre seus ocupantes; na posse e uso da terra repousam ainda as origens de conflitos e tensões maiores entre os seus moradores”

Setti (1985) afirma que o caiçara sempre viveu próximo à sua área de origem. Na Vila do Puruba, a terra era explorada por meio da roça do Sr. Dito, que plantava mandioca e algumas verduras e legumes. Tais plantações eram usadas para a subsistência da vila, bem como para comercializar e trocar por outros bens e alimentos que lhes fossem necessários. Com a vinda a proteção ambiental, conforme já citado, o Sr. Dito teve de se desfazer da roça e hoje criam algumas galinhas em seus quintais e plantam em pequena escala apenas para uso próprio.

1.4 Tecnologia e Percepção Local

Apesar do uso crescente de telefones celulares e Internet na atualidade, confirmado por dados de pesquisas oficiais (PORTAL BRASIL, 2013), o telefone móvel e a rede mundial de comunicação digital não têm sua importância reconhecida pelos moradores do Puruba. O telefone celular serve apenas para comunicação doméstica. Os canais de comunicação global ainda são a televisão e o rádio, muito distantes da interatividade proporcionada pelos novos meios.

Foster (1964) afirma que no isolamento não pode ocorrer mudança. Os moradores do Puruba deixam claro que não desejam sair do Puruba. Os motivos da não aceitação da entrada de novas tecnologias pelos caiçaras do Puruba são os mesmos dos camponeses estudados por Foster, que os define como barreiras culturais sociais e psicológicas.

As barreiras culturais caracterizam-se por valores e atitudes. As sociedades rurais são conservadoras, baseadas, por exemplo, na tradição que se remete sempre à sabedoria dos mais antigos, como no Puruba a figura de seu Benedito, de 80 anos, morador mais velho.

Outro aspecto refere-se a orgulho e dignidade. As histórias relatadas por seu Benedito mostram a luta pela união da comunidade para não desaparecer e versam,

muitas vezes, sobre questões de sobrevivência, vencidas mesmo com uma ligação física precária à Ubatuba.

Foster (1964) analisa as barreiras sociais sob os aspectos: solidariedade de grupo, conflito, locais de autoridade e rigidez da estrutura social. O fator social preponderante no Puruba é o fato da maioria dos moradores pertencerem à mesma família. Assim, toda a hierarquia social é a familiar e cada membro tem suas obrigações sociais, o que reflete no alto grau de integração da comunidade.

Mudanças sociais e econômicas são interpretadas como ameaça à segurança dos grupos. A novidade, os visitantes e os agentes do governo são sempre suspeitos e surgem rumores e boatos sobre sua presença. No Puruba, qualquer turista avistado com o celular é suspeito de estar ligando para a Polícia Florestal, para a Prefeitura ou para o Ibama, para fazer alguma denúncia.

Para Foster (1964), a comunicação não é só dominar uma língua e apresentar uma ideia de forma simples e clara; significa que novas ideias e técnicas devem ser apresentadas verbal, visual e conceitualmente para que o receptor perceba as vantagens trazidas pela mudança.

Os problemas de comunicação verbal são resultados de fatores como a diferença de repertório, pois há uma série de linguagens próprias dentro de cada língua, como gíria, jargões inerentes a profissões e outras manifestações. Quando citamos a linguagem de Internet, esta pode afastar alguém que acesse uma rede social pela primeira vez, por falta de entendimento do que está ali escrito, na forma e no conteúdo.

A forma de vencer as barreiras descritas está em encontrar meios para neutralizá-las. O medo da novidade existe, mas parece que sempre há indivíduos e comunidades progressistas.

Os moradores do Puruba comportam-se como a grande família que são, tentando preservar sua comunidade no local que lhes pertence legalmente. São gentis, gostam de contar suas histórias, de se fazerem conhecer em sua vida simples

e regrada. Não são veementes em suas recusas pelas mudanças, mas falam com temor do que possa acontecer no futuro.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa teve como objetivo, a partir de dois cenários (1991 e 2013), analisar mudanças no modo de vida dos habitantes da Praia do Puruba, Ubatuba/SP.

2.2 Objetivos Específicos

Realizar uma análise comparativa dos dois períodos (1991 e 2013) acerca dos aspectos como as novas tecnologias presentes no cotidiano dos moradores, a construção da BR-101, os impactos destas mudanças nas suas vidas e como as tecnologias contribuíram ou não para o modo de vida das pessoas.

3 METODOLOGIA

3.1 Área de estudo

Puruba é um bairro de Ubatuba, localizado na enseada de Ubatumirim, a 24 Km do centro da cidade. Sua localização exata fica entre os paralelos 23°11'47" e 23°21'23" Sul e os meridianos 44°52'25" e 45°02'21" Oeste. O Rio Puruba nasce na Serra do Mar e deságua na Praia do Puruba no Oceano Atlântico. A bacia está inserida no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba e caracteriza-se por apresentar uma área bem preservada da Mata Atlântica (SILVA, 2013). Separada na década de 1970 pela BR-101, a comunidade dividiu-se em sertão e vila da praia (MORELLI, 2010). O nome do local é proveniente do rio de mesmo nome, o qual significa "zunido" ou "eco", em tupi (LOPES, 2004).

O Rio Puruba une-se ao Rio Quiririm e ambos desaguam na Praia do Puruba. Conforme mostra a figura 1, do lado direito ficam os rios e à esquerda a Praia.

Figura 1 – Praia do Puruba e Rios Puruba e Quiririm



Fonte: Blog Carol Munhoz Fotografia

O acesso à praia é feito por uma estrada de 1,5 km de terra batida, em bom estado, que parte do Km 34 da BR-101 (Rio-Santos).

Figura 2 – Estrada de terra que leva da Rodovia à Vila



Fonte: Acervo particular Gisele Esteves Prado

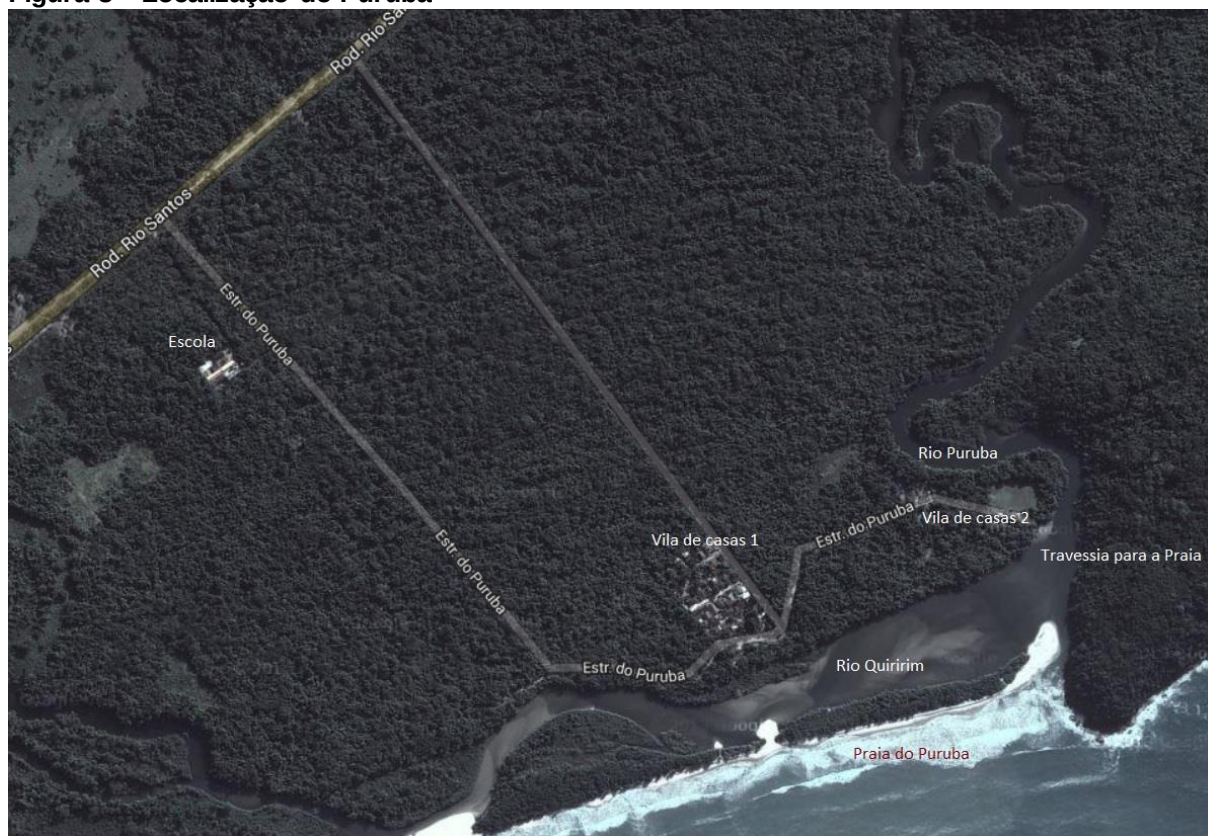
Há um ponto de ônibus em frente à entrada do Puruba, na Rio-Santos. Esse ponto de ônibus já existia em 1991 quando a equipe da Dra. Alpina Begossi fez a primeira pesquisa no local (BEGOSSI, 1991). Hoje há transporte na Vila duas vezes por dia (manhã e fim da tarde). O ônibus sai da porta da casa da Dona Baía, um pouco adiante da igreja centenária do local, a mais ou menos 1 km da estrada Rio-Santos.

O bairro divide-se em Puruba Praia e Puruba Sertão. O Puruba Praia divide-se em dois aglomerados de casas.

O primeiro núcleo de casas tem em seu centro uma igreja católica fundada em 1913. A mais alguns metros localiza-se o segundo núcleo de casas que tem como centralidade uma igreja pentecostal. O percurso, que se inicia na rodovia e liga os dois núcleos, é margeado por uma vegetação densa; a conservação é proveniente de leis ambientais, impostas pela sua proximidade com o Parque Estadual da Serra do Mar – núcleo Picinguaba e também por se tratar de uma área de restinga. O Puruba Praia

é constituído por cerca de 50 residências. Destas, 30 são famílias que moram no local e 20 pertencem a turistas.

Figura 3 – Localização do Puruba



Fonte: Google Maps

A praia ainda é bastante preservada, pois para chegar ao mar é preciso atravessar o Rio Puruba, via barco (disponibilizado gratuitamente pela prefeitura) ao final da avenida principal, a 1,5 km da Estrada Rio – Santos. Apesar de ser um rio tranquilo, o Sr. Dito, uma espécie de “pai de todos” e que foi o balseiro durante muitos anos e hoje já está aposentado, garante que já salvou muita gente de afogamento em função dos buracos existentes no leito do rio. Ele garante também que muitas pessoas já morreram afogadas no local; por isso a recomendação expressa da Prefeitura é que se faça a travessia apenas por barco com o barqueiro da Prefeitura.

O local é tão especial, que o Puruba já foi cenário para o filme “Desmundo” e para minissérie global “A Invenção do Brasil”.

A praia, com quase 2 km de extensão, é de tombo, mas muito calma em comparação a outras praias da mesma natureza. O rio, proveniente de um manguezal, tem as águas escuras, porém limpas e sem muita correnteza.

No Puruba existem poucas opções de hospedagem. O grande forte do local é a hospedagem em camping, como o da Dona Baía (o primeiro logo na entrada, com um atalho para o rio) e o da Dona Ivonete (ao final da estrada principal). É proibido acampar na praia para evitar a degradação do local. De pousadas tem a Canto do Puruba, que fica perto da Igreja e a Pousada Cantinho da Dona Ana, um pouco mais adiante.

Até 2004 não havia sequer um telefone público na Vila. Hoje ainda não há telefone fixo, mas todos os moradores possuem celulares (só pegam as operadoras TIM e VIVO) há também dois telefones públicos: um na porta da escola e outro na vila em frente à igreja de Santa Cruz, conforme mostra a figura 4.

Figura 4 – Telefone Público no Puruba



Fonte: Acervo particular Gisele Esteves Prado

Simplicidade é o que move essa vila de pescadores, que conta com uma escola fundamental (até o 9º ano), Igreja Católica Santa Cruz do Puruba (Figura 5a), Igreja Pentecostal, a subprefeitura e uma Unidade Básica de Saúde (Figura 5b). O Puruba fica a menos de uma hora de viagem para Paraty (RJ).

Figura 5 – a) Unidade Básica de Saúde e b) Capela de Santa Cruz do Puruba



Fonte: Acervo particular Gisele Esteves Prado

O Puruba foi analisado em dois momentos: em 1991 e 2013. A análise se deu por meio de entrevistas com os moradores e observação in loco.

No início da década de 1990, uma equipe liderada pela Dra. Alpina Begossi esteve no Puruba e realizou uma pesquisa sobre o uso de recursos naturais, alimentação, pesca, plantas medicinais, uso do espaço aquático e trabalho na Vila de Pescadores local, dentre outros que serão citados posteriormente.

Esta pesquisa será o ponto de partida para a construção do cenário da época e para uma análise de como os habitantes viviam em uma Vila afastada às vésperas de duas grandes mudanças na dinâmica da comunicação: o celular e a Internet. Será feita uma análise comparativa, com base nas pesquisas de 1991, da realidade atual da população do Puruba após um período de 23 anos. Em particular, com o objetivo de analisar as mudanças ocorridas sob o ponto de vista ecológico com base na evolução dos meios de comunicação, em particular após o advento do celular e da internet.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Na década de 1990 foram entrevistados 25 moradores (12 do sexo feminino e 13 do sexo masculino) na Praia do Puruba. Com estas entrevistas foram caracterizados aspectos socioeconômicos das famílias e como a comunidade vivia às vésperas de uma grande mudança de hábitos. (Vide Anexo A).

Para a análise do cenário atual foram utilizados como base os questionários de 1991 para entrevistas (BEGOSSI, 1991). Sendo entrevistados, em agosto de 2013, o total de 15 pessoas (8 do sexo feminino e 7 do sexo masculino). As entrevistas foram realizadas com moradores e líderes comunitários.

Na pesquisa realizada em 2013, os entrevistados foram membros das mesmas famílias da pesquisa de 1991. O que proporcionou uma visão mais ampla do que mudou nos últimos 20 anos. (Vide Apêndice A)

Os dados foram coletados em forma de questionário aplicado individualmente. Além das entrevistas, os moradores se dispuseram a contar suas histórias e relembrar como eram os “tempos antigos”. Essas “conversas de bastidores” ampliaram a visão de como vivem hoje os moradores da vila.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Aspectos Históricos Relacionados às Mudanças no Modo de Vida dos Moradores do Puruba

A comunidade do Puruba tem passado por um processo de mudanças crescente desde a década de 1970, quando por lá chegou a BR-101 ou a Rio-Santos.

Figura 6 – BR-101 – Translitorânea



Fonte: Site do Ministério dos Transportes

A BR-101 começa em Touros (Rio Grande do Norte) e termina na cidade de São José do Norte (Rio Grande do Sul), atravessando 12 estados brasileiros: Rio

Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Figura 6). A rodovia longitudinal com 4.750 quilômetros, também conhecida como Translitorânea, corta quase todo o litoral brasileiro. Em toda sua extensão é denominada oficialmente Rodovia Governador Mário Covas.

De acordo com o site do Instituto Virtual Internacional de Mudanças Globais (IVIG), a BR 101 foi construída em diversas etapas e ao longo de quatro décadas foi recebendo novos trechos até ganhar o formato atual. Ainda há, em alguns locais, trechos inacabados. Em Pernambuco, ainda há quilômetros não asfaltados e entre os municípios paulistas de Peruíbe e Iguape, e de Cananeia (São Paulo) até Garuva (Santa Catarina). O primeiro trecho a ser denominado como BR-101 dos quase 5 mil quilômetros atuais, foi construído do Rio de Janeiro até Ubatuba e de Ubatuba até Cubatão. A BR-101 foi considerada obra prioritária, realizada em duas etapas. O primeiro trecho foi concluído no primeiro semestre de 1971, dando origem ao lançamento oficial, em 1973. O objetivo da estrada era alavancar o desenvolvimento do turismo na região e servir como modelo para a implantação de outras rodovias.

A Rio-Santos foi projetada após o golpe militar de 1964, em uma tentativa muito ambiciosa de ligar o País todo por meio de diversas vias. Assim foi criada a Translitorânea, que trouxe mudanças bastante significativas para o modo de vida da comunidade do Puruba, que é o objeto de estudo deste trabalho (MORELLI, 2010).

Junto com a rodovia chegaram também a especulação imobiliária, o turismo, a migração, a demarcação de áreas de proteção ambiental e a pesca internacional. Este conjunto de fatores acabou por impedir que os caiçaras, que já estavam na região do Puruba desde o século XIX (conforme relato local) continuassem seu trabalho de pesca, caça e lavoura, fazendo com que os purubenhos tivessem que procurar trabalho em outras áreas como a construção civil, nos condomínios como caseiros, faxineiras ou mesmo no comércio local. (MORELLI, 2010).

Em alguns casos, na comunidade do Puruba Praia, os antigos pescadores e agricultores foram contratados pela prefeitura de Ubatuba trabalhando como balseiros, vigias ou faxineiras na escola Municipal local entre outros.

A rodovia trouxe progresso e desenvolvimento para a região atuando, também, como principal motivador para se estabelecerem as transformações no modo de vida caíçara.

De acordo com Morelli (2010),

estar próximo da rodovia significava a um município e e/ou comunidade estar próximo do progresso, tão almejado pelos políticos. Também ocorreu a valorização das áreas próximas às rodovias – que já sentiam o aquecimento da especulação imobiliária. E, mais tarde, foi determinante para o destino de cada comunidade. Grande parte da rodovia está à beira-mar, e essas áreas foram muito valorizadas; já em outras, onde a rodovia passa a alguns quilômetros de distância, a valorização foi menor.

A chegada da rodovia, a divulgação do local na mídia por meio de duas produções globais (“Desmundo” e “A Invenção do Brasil”), um programa para a televisão chamado “Dicas para o Verão”, com duração de 18 minutos de 2011 exclusivamente falando e mostrando as belezas do local e mais inúmeros vídeos que mostram as maravilhas da região atraem, cada vez mais, turistas.

Em função desta valorização e exposição, alguns proprietários de terras do Puruba venderam parte delas para um grupo de investidores na área de medicamentos. Mal sabiam eles que logo após a venda seria proibida qualquer construção de condomínio no local pela lei de proteção ambiental.

5.2 Uma Praia, Três Purubas: Percepção Ambiental

De acordo com Fagionatto (2007) os indivíduos percebem e reconhecem seu ambiente de maneira particular. A percepção ambiental é de grande importância para que se entendam as inter-relações homem X ambiente.

Percepção ambiental foi definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem (FAGIONATTO, 2007), sendo que os estudos da percepção ambiental hoje constituem “a última e decisiva fronteira no processo de uma gestão mais eficiente e harmoniosa do meio” (AMORIM FILHO, 2007).

Bassani (2001) diz que:

a cognição ambiental é concebida como um processo mediante o qual as pessoas compreendem, estruturam e aprendem sobre seu ambiente e utilizam mapas cognitivos para se orientarem e deslocarem nos diversos

ambientes. A percepção ambiental é entendida como a experiência sensorial direta do ambiente em um dado momento, não sendo considerado um processo passivo de mera recepção e interpretação da estimulação ambiental pelas pessoas. (BASSANI, 2001, p. 52).

No Puruba nota-se que os moradores construíram esse mapa mental e utilizam cada conhecimento para viver e sobreviver, mesmo que em condições adversas e cheias de mudanças como as ocorridas no local desde a década de 1970. A percepção ambiental trata de como o indivíduo protagonista da história vê e reconhece seu ambiente. Trata de o que ele realmente quer e o que é imposto.

Um dos entrevistados, por exemplo, disse que a construção da BR-101 foi a perdição da comunidade. Ao contrário do que se possa pensar (que a rodovia traria progresso e uma vida melhor para os moradores da vila), é necessário que se analise o que eles verdadeiramente querem.

Quando questionados sobre as melhores e piores coisas da região, ninguém respondeu que o melhor é por ser protegido pelas leis ambientais ou que o pior é a dificuldade de acesso e comunicação com o mundo externo. Nenhum dos entrevistados levantou dificuldade em consumo de bens, ou de baixos salários. A visão dos moradores com relação ao local onde moram é única: todos disseram que viver no Puruba é maravilhoso por sua paisagem, seu sossego, a baixa criminalidade, a distância das drogas, poder criar seus filhos longe de tudo que a sociedade moderna considera como fundamental. Até mesmo a internet, considerada hoje como imprescindível para a sociedade, não chegou ao Puruba para a maioria e eles simplesmente não a querem por lá por considerarem invasiva. A visão de quem olha de fora é muito diferente daquela que eles vivem realmente.

Na década de 1970 veio então a separação física do Puruba Praia e do Puruba Sertão, com a chegada da BR-101. Em função disto, os condomínios fechados começaram a crescer em todo o litoral norte, cobiçando as áreas próximas ao mar, principalmente aquelas que poderiam vir a ser uma praia particular. Não foi diferente com o Puruba, que na época foi procurado por dois grandes investidores, um deles do ramo de medicamentos, para vender suas terras. E assim foi feito. Os moradores venderam suas terras ficando apenas com o necessário para se estabelecerem e viverem.

Segundo Morelli (2010),

Todo território caiçara é dividido em duas áreas: o sertão e a vila da praia. O sertão, em geral, é o lugar de plantio: já a praia sempre foi o lugar de moradia, de manifestações religiosas e de sociabilidade. (...) No Puruba, diferentemente das outras áreas caiçaras, tanto o sertão como a vila da praia são lugares de moradia, de sociabilidade e de religiosidade. A divisão é física, já que a rodovia divide essas duas áreas em bairros diferentes, mas, segundo os moradores, ela é também cultural. Apesar da proximidade, cada um dos bairros tomou caminhos diferentes em relação A alguns costumes, contemplando na realidade as suas necessidades específicas (MORELLI, 2010).

Após o golpe militar de 1964, começou a preocupação com o meio ambiente e as áreas que hoje estão sob proteção ambiental começaram a sentir as mudanças.

O primeiro decreto que atingiu diretamente o uso da Mata Atlântica foi o Decreto 10.251, de 30 de agosto de 1977, que criou o Parque Estadual da Serra do Mar, restringindo o uso, assegurando proteção integral à flora, à fauna, às belezas naturais e colocando à disposição propriedades particulares para desapropriação caso seja necessário. Outras leis vieram depois, mas esse decreto é o que marca as mudanças (MORELLI, 2010).

Toda esta mudança fez com que o caiçara fosse cada vez mais se afastando de seus costumes, principalmente aqueles ligados à caça, à pesca e à colheita.

O Puruba que hoje se divide em Puruba Sertão e Puruba Praia já foi um só. Hoje a grande Rio-Santos corta os dois fazendo uma desconexão também física a algo que já ia se separando gradativamente por conta dos hábitos, crenças, etnia e modo de vida. A separação mais evidente dava-se pela etnia, os caiçaras do Sertão são descendentes de índios, já os que residem, na praia são descendentes de portugueses e espanhóis. Segundo relato de um dos moradores (MORELLI, 2010), “Você pode perceber pela cor da pele, pela cor dos olhos... os que são descentes de indígenas, a maioria deles não tem pelo, não tem cabelo no corpo nenhum. Os caiçaras mais perto de praia são bastante peludos”.

Ainda de acordo com Morelli (2010), há também uma separação por ideologia. Cada vila possui uma associação que cuida dos seus interesses. No Puruba Sertão eles possuem a Sociedade Amigos do Puruba; já na Praia eles têm a Sociedade Amigos da Praia do Puruba (Saprapu).

A separação por preocupação à preservação da cultura também pode ser evidenciada neste relato de um dos moradores do Puruba Praia:

Existem as diferenças de pensamentos, sertão do Puruba pensa da seguinte forma, não aniquilar as questões culturais. Existe lá a congada de bastões, existe lá questão de subsistência através de caça eles cultivam isso de alguma forma, então assim a preocupação com o meio ambiente em si não é tão salientada como é na questão da praia. A praia tem objetivos claros na preservação do meio ambiente, inclusive e com algumas partes extremistas, nem tanto dos caiçaras (RELATO CAIÇARA – MORELLI, 2010).

Com todas estas mudanças ocorrendo, paralelamente ocorreu a instalação do Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar nas proximidades, “o que alertou às necessidades de conservação do meio ambiente, dificultando ainda mais o loteamento dessa área. Nesse sentido, a especulação imobiliária não teve muito espaço na Praia do Puruba” (MORELLI, 2010).

Além da venda de parte das terras, alguns proprietários e herdeiros também venderam suas propriedades para neo-residentes. Muitos desses antigos proprietários mudaram-se para Santos. Na região existe, inclusive, um empresário de sucesso aparentado de um dos moradores do Puruba.

Desta forma,

dois são os fatores que fragmentaram o território do Puruba. O primeiro diz respeito à venda de terras para o grupo do ramo de medicamentos. Naquele momento, preservaram-se dois núcleos de casas que já existiam, 110 metros de frente ao mar até a rodovia para o núcleo, onde está a Igreja Católica e 800 m² para o segundo núcleo, onde hoje existe a Igreja Pentecostal. Todo o entorno pertence ao grupo do ramo de medicamentos inclusive a área onde está a Igreja de Santa Cruz. O segundo fator de fragmentação do território diz respeito à venda e ou aluguel de cerca de 10 casas para neo-residentes ou para locação de veraneio (MORELLI, 2010)

Diegues (2001) é um crítico do modelo de preservação imposto nas áreas como o Puruba. Segundo o autor é um modelo americano transposto aos países de 3º mundo que não leva em consideração a população residente nos locais.

Nesses países, mesmo nas florestas tropicais aparentemente vazias, vivem populações indígenas, ribeirinhas, extrativistas, de pescadores artesanais, portadores de uma cultura, de seus mitos próprios e de relações com o mundo natural distintas das existentes nas sociedades urbano-industriais. Ora, a legislação brasileira que cria os parques e reservas prevê, como nos Estados Unidos, a transferência dos moradores dessas áreas, causando uma série de problemas de caráter ético, social, econômico, político e cultural. (DIEGUES, 2001, p. 13)

Porém, mesmo que as mudanças não tenham sido feitas de modo satisfatório e o modelo não sendo o melhor, o Puruba hoje mantém ainda uma população caiçara por conta das mesmas leis que impediram que o grupo investidor construísse lá um grande condomínio.

Dentro do Puruba Praia também há uma divisão, trazendo à tona o 3º Puruba. O Puruba marcado pela ideologia religiosa. Segundo Morelli (2010), no Puruba Praia havia dois núcleos familiares. O núcleo mais antigo, que possui em seu centro uma igreja católica, lá se manteve, preservando sua cultura religiosa. Neste núcleo também estão as pousadas, os neo-residentes e as casas de veraneio.

Já o segundo grupo construiu uma Igreja Pentecostal e manteve-se, então, distante da primeira vila. Apesar de cada núcleo ter suas próprias convicções religiosas, seus encontros em dias diferentes, etc., há ainda no Puruba Praia um espaço que pertence aos dois grupos: “o campo de futebol que sedia o evento aos domingos. Esse é um espaço para a prática do esporte, trata-se do espaço coletivo que supera barreiras, territórios como aqueles impostos pela religiosidade” (MORELLI, 2010).

5.3 Cenários do Puruba (1991/2013)

Foram entrevistadas 25 pessoas em 1991, entre homens (52%) e mulheres (48%) na faixa etária entre 18 e 80 anos. O que foi apurado, na época, é que 40% dos entrevistados eram analfabetos ou analfabetos funcionais e 60% alfabetizados. A renda familiar era em média 1,5 salário mínimo e 60% dos entrevistados viviam da pesca e/ou da lavoura. Em 2013 foram entrevistadas 15 pessoas, sendo 46,66% homens e 53,33% mulheres. A faixa etária dos entrevistados é de 14 a 80 anos. Com relação à escolaridade o Puruba tem hoje, em média, 34% de analfabetos ou analfabetos funcionais e 66% de alfabetizados. A renda familiar continua sendo em média 1,5 salário mínimo (Tabela 1).

Tabela 1 – Perfil dos moradores entrevistados na Praia do Puruba (1991 e 2013).

		1991 (n=25)	2013 (n=15)
Idade média		47	50
sexo	Masculino	52%	46,66%
	Feminino	48%	53,33%
Escolaridade	Analfabetos	40%	34%
	Fundamental Incompleto	48%	40%
	Fundamental Completo	4%	6,5%
	Ensino Médio Incompleto	4%	6,5%
	Ensino Médio Completo	4%	6,5%
	Ensino Superior Incompleto	0	6,5%
Naturalidade	Puruba	60%	80%
	Ubatumirim	8%	13,33%
	Ubatuba	8%	-
	Praia do Leo	4%	-
	Mogi das Cruzes	4%	-
	Guarujá	4%	6,66%
	Santos	4%	-
	São Paulo	4%	-
	Outro	4%	-
Principais atividades	Pesca	24%	-
	Caça	-	-
	Bar/comércio	12%	-
	Lavoura	36%	-
	Caseiro	12%	-
	Balseiro	4%	-
	Serviços gerais	8%	-
	Funcionário público	8%	20%
	Servente	12%	-
	Do lar	28%	6,6%
	Professora	4%	-
	Aposentado	-	33,3%
	Estudante	-	27%
	Autônomos	-	13%
Renda média Familiar		US\$ 86.00	US\$ 282.5

Com relação às demais atividades, eram 12% de funcionários públicos (atuando dentro do Puruba), 28% do Lar (84% do universo feminino). Muitos dos entrevistados possuíam atividades paralelas como um “bico”. Em época de temporada ou férias alguns atuavam em comércio local (bares ou atividades turísticas).

De acordo com as entrevistas realizadas em 2013, entre as atividades desempenhadas, hoje ninguém mais vive da pesca ou da lavoura por ser área de preservação ecológica, 20% são funcionários públicos (atuando dentro do Puruba, na escola municipal), 34% são aposentados, 13% são autônomos, 6% são do lar e 27%

são estudantes. Em época de temporada ou férias alguns atuam em comércio local (bares ou atividades turísticas).

Hoje as mulheres não atuam mais como “do lar”, como era em 1991, elas atuam como autônomas nas casas dos turistas ou na área de estética, como foi o caso de uma das entrevistadas que fez curso de esteticista. Uma das entrevistadas faz faculdade a distância e é a única da vila a usar a internet de forma utilitária. Apenas uma das entrevistadas declarou ser “do lar”.

A comunidade ainda é composta por famílias oriundas de um mesmo núcleo familiar e são 2 aglomerados de casas: um mais antigo, com aproximadamente 12 casas e um mais recente, com umas 8 casas, no máximo. Os núcleos demarcantes de cada aglomerado de casas giram em torno da religiosidade. No 1º aglomerado, o mais antigo, o núcleo é a Igreja Católica centenária Santa Cruz. Já no 2º aglomerado de casas o núcleo é uma Igreja Pentecostal.

Em ambos aglomerados de casas os quintais são coletivos, isto é, não há muros ou portões que separem as casas conforme pode ser observado na figura 7.

Figura 7 – Quintal coletivo no Puruba Praia



Fonte: Morelli (2010)

Além dos aspectos já abordados na pesquisa de 1991, também foram abordados temas referentes à chegada de novas tecnologias que vieram no final do século 20, como a internet, o celular e as redes sociais.

Não há informações se na década de 1990 eles já possuíam televisão e como era a chegada de notícias à região.

Atualmente há televisores em quase todas as casas e praticamente todos os moradores possuem aparelho celular. Apenas um entrevistado, que mora com a esposa e 3 filhos, declarou não ter e não assistir televisão por não gostar.

Apesar de existir internet há 20 anos no Brasil, são poucos os moradores que possuem computador e internet. Uma moradora declarou ter um notebook, mas que não sabe como proceder. Eles conhecem Facebook, mas não gostam de usar por não compreenderem e por acharem que isto os deixa muito expostos e sem privacidade.

Uma das entrevistadas utiliza a internet para fazer um curso superior a distância. Ela é professora da rede municipal em um bairro relativamente distante, em Ubatuba mesmo. Sua filha, nascida e criada no Puruba, hoje mora em Ubatuba e também utiliza a internet para fazer um curso superior a distância. O filho mais novo que mora com os pais usa a internet apenas para jogar.

Há uma escola municipal de ensino fundamental (até o 9º ano) logo na entrada do Puruba (figura 8) e um dos entrevistados, aluno da escola, declarou que os alunos não mexem com computador e que a escola não possui internet.

Figura 8 – Escola Municipal José Belarmino Sobrinho



Fonte: Acervo particular Gisele Esteves Prado

Com relação à rodovia, alguns acham que era melhor quando não havia, pois eles não eram importunados pelo turismo; não que eles não gostem dos turistas, pelo contrário, os recebem muito bem, mas eles acham que os turistas deixam um rastro de sujeira e desordem por onde passam.

Na época em que a estrada Rio – Santos ainda não existia, eles só chegavam a Ubatuba a pé, em 3 horas de trajeto, se não estivessem com carga, e 5 horas com carga, em média; ou de barco.

Conforme discute Lopes (2004), da mesma forma como está acontecendo em outras comunidades caiçaras, a comunidade da Praia do Puruba passa por várias mudanças de hábitos, e, como já mencionado anteriormente, eles vão se moldando cada vez mais às características de moradores de centros urbanos. Sua dieta, por exemplo, já não gira em torno de tantos alimentos naturais como antes, pois o acesso aos alimentos industrializados é mais fácil. As restrições impostas pelas leis ambientais também colaboram para que os moradores procurem cada vez mais este tipo de alimento. Hoje, um ou outro morador cria patos e galinhas para consumo próprio.

Apesar de a média da renda familiar ser a mesma em salário mínimo, o poder aquisitivo dos moradores do Puruba aumentou muito, pois em 1991 o salário mínimo valia US\$ 85.00 e em 2013 US\$ 282.50. Um aumento de 332%. Isso acaba sendo de grande importância, já que com as novas leis de proteção ambiental, eles tiveram de mudar sua forma de prover a alimentação e precisaram investir em novos eletrodomésticos como o fogão, por exemplo, que não poderia ser mais a lenha. Isto gera um gasto não só com o bem durável, mas também com o combustível que no caso é o gás. Com isso eles precisam se programar inclusive para os dias de entrega para não ficarem sem o combustível que prepara seus alimentos.

5.4 Resiliência e Permanência no Puruba

Diferentemente de outras populações de outras áreas que passaram pelo mesmo processo de proteção ambiental, os habitantes do Puruba não abandonaram a área, nem foram caçar ou pescar em outros rios. Apesar de todas as mudanças e adversidades pelas quais esses caiçaras passaram, eles continuaram na sua terra, no local onde a maioria nasceu e se criou.

A comunidade do Puruba é bastante resiliente, pois em cada etapa de mudança de paradigma, as pessoas se amoldaram e procuraram outra forma de viver sem ter que sair de sua terra.

De acordo com Diegues (2001), a agricultura, principalmente o plantio de mandioca, exercia grande importância na economia dos caiçaras até os anos de 1950. Nesta época começou a ser superada e substituída pela prática da pesca.

Em 1991, quando a equipe da professora Alpina Begossi esteve no Puruba, a comunidade vivia exclusivamente da caça, pesca e agricultura (BEGOSSI, 1991). Com o advento da Proteção Ambiental no local, os moradores não puderam mais pescar, caçar ou cultivar a roça. Ainda assim, muitos dos moradores foram aproveitados em serviços da prefeitura, como o caso do transporte de barco para atravessar o Rio Puruba para chegar à praia, ou até mesmo como segurança, merendeira, etc. na escola local.

A partir da década de 1980, com a Lei de Proteção Ambiental vigorando e sendo exigida pelas autoridades florestais no local, a população teve de ir se desfazendo paulatinamente da roça, que ficava em um amplo terreno do outro lado do rio (vide figura 3) e também tiveram de deixar de pescar e caçar. Ainda com todas estas mudanças de vida, os moradores continuaram se amoldando e se adaptando à nova realidade.

Figura 9 – Local onde ficava a Roça do Sr. Dito



Fonte: Acervo Particular Gisele Esteves Prado

Segundo Begossi (2001) a resiliência ecológica é influenciada por comportamentos culturais. Ao longo da história, foi a flexibilidade que permitiu aos seres humanos que se adaptassem a diversos tipos de ambientes, com diferentes fenômenos climáticos e a se amoldarem a cada situação. Há também um lado do comportamento humano que é muito conservador e resistente a quaisquer mudanças. Este fenômeno é por vezes chamado de “inércia cultural”.

No caso dos moradores do Puruba, por exemplo, mesmo não podendo mais pescar, eles ainda mantêm um pequeno espaço onde constroem e consertam suas embarcações. Ainda segundo Begossi (2001), muda o meio ambiente e mesmo um

comportamento ecológico não sendo mais útil, pode continuar a ser executado. Porém, apesar de parecer inútil, este comportamento pode não ser em situações específicas. Os habitantes do Puruba, por exemplo, ainda utilizam o barco para pesca em menor escala para consumo próprio e para visitar parentes e amigos de outras praias.

Mesmo com todas as mudanças pelas quais os habitantes do Puruba passaram, eles não saíram de suas terras e não abandonaram seus costumes. Eles adequaram-se à nova realidade e, de forma resiliente, reconstruíram suas vidas sem abandonar suas raízes. Apenas aqueles que foram para o Puruba como migrantes, possivelmente por conta da construção da rodovia BR-101, foram transferidos.

5.5 Comunicação

A região de Ubatuba ficou desconectada do mundo por muitos anos, somente com a construção da rodovia BR-101 na década de 1970 é que foi possível a região tornar-se mais visitada por turistas e também possibilitou aos moradores se locomoverem para outros locais.

De acordo com Morelli (2010), Ubatuba passou a ser reconhecida como Balneário em 1948, porém, os turistas só chegaram à região depois que a Rio-Santos foi pavimentada. Os moradores do Puruba só conseguiam chegar à cidade por meio de trilhas na mata ou de canoa; desde que o mar estivesse calmo. As caminhadas poderiam durar de 3 a 5 horas até o centro de Ubatuba, dependendo da carga que levavam. A comunicação com a cidade era meramente comercial, pois tinham de comprar os produtos que não produziam na vila como sal, açúcar, café, leite, entre outros. Aos finais de semana utilizavam as canoas ou as trilhas para chegar até as casas de parentes que moravam no entorno.

Com a chegada da Rio-Santos tudo começou a mudar. Agora eles teriam uma rodovia que ligaria seu bairro ao centro de Ubatuba. Posteriormente foi colocado um ônibus na rodovia e atualmente o transporte público entra no Puruba 2 vezes por dia.

O transporte público é de suma importância para que os moradores possam se locomover até o centro em busca de trabalho, atendimento médico, estudo e comércio. As crianças que terminam o ensino fundamental na Vila, por exemplo, têm de se locomover até o centro de Ubatuba para concluir o ensino médio.

Hoje o ônibus passa em dois horários dentro da vila: às 7h da manhã e às 17h30. Desta forma, fica complicado para quem queira estudar à noite, por exemplo. Eles devem vir de ônibus, parar na rodovia e caminhar 1,5 km por uma estradinha de terra com iluminação precária.

Ainda hoje a região do norte de Ubatuba continua com a comunicação deficitária. Eles possuem poucos telefones públicos via satélite para atender 25 praias e seus bairros. Essa falta de comunicação via telefone dificulta contatos familiares e até mesmo de trabalho, estudo, socorro médico e até mesmo para a denúncia de crimes ambientais que acontecem muito ainda na região e incomodam os moradores.

O que eles utilizam atualmente é o telefone celular que muitas vezes perde o sinal e só funciona por duas operadoras. A falta de antenas na região também é um problema. Os celulares são utilizados exclusivamente para fazer ligações. Eles não utilizam aplicativos, ou qualquer outra facilidade do aparelho. Açam complicado e não entendem muito como isso funciona.

Segundo relatos de moradores, todos possuem celular. Eles adoram a modernidade e alegam que podem, assim, comunicar-se com seus familiares e pedir socorro na cidade se necessário.

Por outro lado, eles não gostam muito quando chegam turistas com o aparelhinho. Eles dizem que o aparelho funciona como um “dedo-duro” e que qualquer coisa que o turista julgue estar errada, logo ele chama a florestal pra denunciar.

A internet também é uma realidade no Puruba, porém é escassamente utilizada. Nem mesmo na escola eles lidam com a internet. Apenas uma moradora, como já foi mencionado, utiliza a internet para fazer sua faculdade a distância. O marido dela, que é Presidente da Associação de Amigos da Praia do Puruba possui

facebook, o filho deles usa a internet apenas para jogar e a filha deles, que mora e trabalha em Ubatuba, também faz faculdade de pedagogia a distância.

Outra moradora, que não é nascida no Puruba, mas que foi para lá depois de ter casado com um dos filhos do Sr. Dito, também alegou estar iniciando agora (2013) no mundo da internet, fazendo um facebook, mas disse que acha tudo muito difícil e complicado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade do Puruba tem sido objeto de estudos em diversas áreas, dadas suas características de comunidade caiçara formada por imigrantes portugueses que se mantêm até hoje no local, apesar das mudanças que ocorreram desde que a família se estabeleceu, ainda no século XIX.

A visão de progresso com a criação da estrada não condiz com o pensamento dos caiçaras. Mesmo reduzindo substancialmente o tempo gasto para locomover-se até o centro de Ubatuba, ou facilitando o contato com as demais comunidades próximas, a estrada os deixou mais expostos. O isolamento que mantinha a união da comunidade foi destruído, o Puruba ficou exposto a qualquer um que quisesse conhecê-lo, que desejasse pescar em seus rios ou acampar em seus quintais. Os moradores passaram a conviver com outras pessoas, de locais variados, com intenções diversas. Venderam parte de suas terras sem saber o que poderia ocorrer na região. Sentiram-se fragilizados perante a primeira inovação: a estrada. Neste aspecto, sua história não é única, mas mostra que quem trouxe a inovação não deixou muito claro aos moradores o que estava para acontecer.

Com relação às mudanças no modo de vida dos moradores do Puruba, apesar de o tempo ter passado, eles continuam vivendo basicamente da mesma forma. Ainda preservam sua terra, seu local e vivem, na medida do possível, do que tiram da própria terra. A comunidade se manteve – muito pela união familiar – e seguiu vivendo principalmente da pesca e de seus roçados.

Do ponto de vista dos moradores, a lei tirou-lhes parte da liberdade de viver como sempre o fizeram, tendo que mudar suas atividades, suas relações com o trabalho, que deixou de ser de subsistência para ser um tipo de subemprego remunerado. Esta talvez seja uma das maiores transformações pelas quais a comunidade passou. As atividades de subsistência serviram, por mais de um século, para manter a família, a comunidade típica caiçara que tirava da região tudo que precisava. Quando não puderam mais sobreviver de sua região, alguns tiveram que trabalhar fora dela, ou seja, os elos começaram a ser enfraquecidos. O morador que

hoje trabalha em Ubatuba não pensa mais da mesma forma que os que trabalham no Puruba. Já têm outra realidade, outros anseios e desejos.

Apesar de eles continuarem ganhando a mesma média em salário mínimo (1,5), o poder de compra desse salário aumentou, em dólar, cerca de 300% de 1991 para 2013. Em 1991 o salário mínimo valia US\$ 86.00; já em 2013 o salário mínimo era de R\$ 678,00 ou US\$ 282.50. O valor do dólar em agosto de 2013 era R\$ 2,40. Diferentemente dos moradores dos grandes centros que utilizam este aumento de poder aquisitivo para adquirir bens de consumo e tecnologia, os purubenhos se orgulham de manter um freezer cheio de carne e peixe, certamente comprado na cidade, e de outros alimentos, que para eles são muito mais importantes do que um celular de última geração, uma TV de tela plana ou um lap top.

Mesmo diante das mudanças ocorridas nos últimos anos há uma preparação das novas gerações que devem assumir as funções de organização social de maneira mais moderna e organizada, como por meio da Sociedade Amigos da Praia do Puruba, que busca apoio externo à sua permanência no local.

Hoje a televisão está em quase todas as casas, sem trazer grandes mudanças, porque os purubenhos continuam conversando em seus quintais e deitando-se muito cedo. Não se renderam a esta forma de entretenimento, não são devotos da TV, como ocorre nos grandes centros.

Nos últimos tempos acostumaram-se ao telefone celular. Todos os moradores têm aparelhos. Utilizam o celular, porém, só para ligações telefônicas. Não lhes interessam os recursos adicionais, os aplicativos, nada do que é oferecido hoje. Usam para comunicar-se, falarem entre si, ou com parentes distantes. Na verdade, o mundo exterior pouco lhes interessa.

A não adesão à comunicação de massa (TV, internet e celular) é voluntária, até mesmo resistente diante de tantos benefícios que podem trazer. Deve-se considerar o analfabetismo como fator para não aderirem aos computadores, uma ferramenta essencialmente visual, de leitura obrigatória.

Em relação à internet e celular, soma-se a crença ainda da proteção pelo isolamento. Um de seus maiores temores é a comunicação rápida com o exterior, usada para denunciar qualquer atividade que pareça ilícita a visitantes.

Há uma lenta transformação interna, mesmo com toda pressão externa. Outras comunidades da região não guardam um único traço de sua realidade anterior, alterada há menos de 40 anos. A substituição da liderança já está em curso, pela idade avançada dos moradores mais antigos. A tradição cultural, entretanto, poderá ser mantida.

A estrutura familiar e hierárquica mantém o Puruba vivo. A coesão em torno do que é seu, o rio, os quintais, o mar. O cotidiano caiçara, as atividades voltadas ainda à pesca, à manutenção das casas e da vila. A miscigenação ainda é leve, mas avança. Em breve, novas famílias serão parte da família do Puruba por parentesco.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 43, n. 1, p.145-182, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012000000100005>>. Acesso em: 22 mar. 2014.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Os estudos da percepção como a última fronteira da gestão ambiental**. São Paulo, Jun. 2007. Disponível em <http://sigcursos.tripod.com/percepcao_ultima_frenteira.pdf>. Acesso em 20 mar. 2014.
- BASSANI, Marlise. Fatores psicológicos da percepção da qualidade ambiental. In: MAIA N.B. et. Al (Org). Indicadores ambientais: conceitos e aplicações. São Paulo: Educ, 2001.
- BEGOSSI, A. 2001, **Resiliência e Populações Neotradicionais**: Os caiçaras (Mata Atlântica) e os Caboclos (Amazônia, Brasil). In Espaços e recursos Naturais de Uso comum de Antonio Carlos Diegues e André de Castro C. Moreira. NAPAUB-USP, 2001. Págs.: 205-236.
- BEGOSSI, Alpina. **FIFO PUR 1**, Fisheries and Food Institute. Laboratório de Ecologia Humana, ECOMAR/UNISANTA, Santos, São Paulo, 1991.
- BEGOSSI, Alpina. **Temporal Stability in Fishing Spots**: Conservation and Co-Management in Brazilian Artisanal Coastal Fisheries. 2006. Disponível em: <<http://www.ecologyandsociety.org/vol11/iss1/art5/>>. Acesso em: 05 maio 2015.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna. **Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras**. São Paulo, 1988 – NUPAUB-USP, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, n. 5
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3. ed. São Paulo: UCITEC: NAPAUB: CEC/USP, 2001. 162 p.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna. Mudança como Modelo Cultural: O caso da Cultura Caiçara e a Urbanização. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna (Org.). **Enciclopédia Caiçara: O Olhar do Pesquisador** - Volume 1. São Paulo: UCITEC: NAPAUB: CEC/USP, 2004. p. 21-46.
- FAGIONATTO, Sandra. **Percepção Ambiental**. Disponível em: <<http://educar.sc.usp.br>> Acesso em: 20 mar. 2014.
- FOSTER, George M.. **As Culturas Tradicionais e o Impacto da Tecnologia**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1964. 249 p.
- INSTITUTO VIRTUAL INTERNACIONAL DE MUDANÇAS GLOBAIS (Rio de Janeiro). **BR-101**. 2014. Disponível em: <<http://www.ivig.coppe.ufrj.br/infraestrutura/Paginas/BR101.aspx>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

LOPES, Priscila F. Macedo. **Ecologia Caiçara: Pesca e Uso de Recursos na Comunidade da Praia do Puruba**. 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ecologia, Departamento de Biologia, Unicamp, Campinas, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Epígrafe: **Textos Sobre Estética**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

Ministério dos Transportes. **Mapa da Translitorânea**. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

MORELLI, Grazielle Alves de Souza. **Cotidiano e Territorialidades de uma Comunidade Caiçara: Puruba, Ubatuba, SP**. 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia e Gestão do Território, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/1213>>. Acesso em: 22 set. 2013.

MUNHOZ, Carla. **Figura 1**. Disponível em: <<http://carolmunhoz.com/blog/praiade-puruba-ubatuba-sp/>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

Portal Brasil. **Número de usuários de internet e de pessoas com celular cresceu mais de 100% no Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2013/05/numero-de-usuarios-de-internet-e-de-pessoas-com-celular-cresceu-mais-de-100-no-brasil>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na Geografia Nacional**. CIA. Editora Nacional, 1987.

SETTI, K. 1985. **Ubatuba nos cantos das praias. Estudo do Caiçara Paulista e de sua produção musical**. São Paulo. Editora Ática, 293 p.

SILVA, Bruna dos Santos. **Mapeamento Socioambiental da Bacia do Quiririm-Puruba utilizando Geotecnologias**. 2013. Disponível em: <http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Bruna-dos-Santos-Silva.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.

ANEXO A – Ficha de campo utilizada em 1991

4B

QUESTIONÁRIO UBATUBA, SP

Data: 20/5 Local: Pomba Nome: Elza (C) S (F) M

Nasceu: Pomba Desde quando mora aqui? - FT: 6 FH: 1(+) FM: 5 (Imã aqui) JP/Imã

Escolaridade: A: AF: 1: 2: 3: 4: 5: outros:

Atividades: Poca (trabalho) - hu feia

Renda:

Onde pesca: Mar ☐ Rio ☐ Barco? Tipo:

Desde quando pesca? Profissão do pai:

Aparelho	Peixe	Época
.....		
.....		
.....		
.....		

Comuns	Come	Gosta	Não come	Porquê?	Vende
.....					
.....					
.....					
.....					

Car/Rei:

NCar:

O que é carregado/reimado?

MEDI: Animal	Parte	Função	Receita
.....			
.....			
.....			
.....			

Pouca espinha:

Muita espinha:

COME: GALINHA ☐ CARNE B P ☐ PEIXE ☐

GOSTA: GALINHA ☐ CARNE B P ☐ PEIXE ☐

caça?:

OBS:

170

ANEXO B – Ficha de campo utilizada em 1991

QUESTIONÁRIO - UBATUBA Paraíba DATA: 29/01/91 (43) 9

"Utilização de plantas por populações da região de Ubatuba."

Nome: Elisa Barbosa de Oliveira

Idade: 80 Sexo: Masc. (Fem.)

Cônjuge: Gervasio Alexandre de Oliveira

Pai: Alexandre Barbosa Oliveira

Mãe: Zelinda de Oliveira

Nome da planta	Uso/ parte do Vegetal/ Modo de utilização
1 Abacate	1 bexiga, chá da f., cult.
2 E. Cidreira	2 dor, chá da f., cult.
3 C. cidrão	3 gaípe, chá cozido def, cult.
4 laranja	4 gaípe, chada f., cult.
5 Patá de vaca	5 diabete, chá f., cult. } juntos
6 Carambola	6 " " " " }
7 Lim. passoa	7 Rim, chá da f., cult.
8 Mandioca	pl. brava
9 Goiaba	} fr. cult.
10 laranja	
11 Abacate	
12 ARAÇA	} 12 13 - chá das f., dor de barriga, diarréia, colhido
13 Goiaba	
14 Pitanga	14 malita, chá das f., colhido
15 E. doce	15 dor de estômago, dor de lado, chá das f., cult.
16 Cebola	16 digestão (facilitar); chá dos catarros, cult. comp. na cidade.
17 Alcauda	17 (simpatia) dor de cabeça, galinha atada da orelha, cult.

APÊNDICE A – Ficha de campo utilizada em 2013

QUESTIONÁRIO UBATUBA / PURUBA 2013							
NOME:						CASA	
IDADE:	C	S	F	M	TOTAL NA CASA:	FT:	FH: FM:
CÔNJUGE:							
PAI:							
MÃE:							
NASCEU:			DESDE QUANDO MORA AQUI:				
ESCOLARIDADE: A AF 1 2 3 4 5 6 7 8 ENS.MÉDIO INC. ENS.MÉDIO COMP. SUP.							
ATIVIDADES:							
PESCA?				DESDE QUANDO PESCA?			
CAÇA?				DESDE QUANDO CAÇA?			
RENDIA INDIVIDUAL:							
RENDIA FAMILIAR:							
COME (ORDEM):		GALINHA B P ()		CARNE B P ()		PEIXE B P ()	
GOSTA (ORDEM):		GALINHA ()		CARNE ()		PEIXE ()	
NA SUA CASA TEM:							
() TELEVISÃO		() RÁDIO		() TELEFONE FIXO		() CELULAR QT _____	
() COMPUTADOR		() INTERNET		OUTROS:			
ACESSA INTERNET?		S N		REDE SOCIAL?			
FAZ COMPRAS PELA INTERNET?		QUAIS SITES?					
LÊ/ASSISTE NOTICIÁRIOS?		O QUE MAIS ASSISTE (TV)?					
ACHA QUE A INTERNET MUDOU O MODO DE VIDA DA COMUNIDADE?							
ACHA QUE A INTERNET MUDOU ALGO EM SEU MODO DE VIVER?							
A COMUNIDADE USA INTERNET PARA COMERCIALIZAR PRODUTOS?							
QUE INSTRUMENTOS, APARELHOS OU TECNOLOGIAS QUE VOCÊ NÃO TINHA HÁ 20 ANOS E QUE HOJE NÃO VIVERIA MAIS SEM? () TV () INTERNET () COMPUTADOR () CELULAR () TELEFONE FIXO () OUTROS:							
QUAIS AS TECNOLOGIAS QUE MUDARAM A VIDA DA COMUNIDADE NOS ÚLTIMOS 20 ANOS? DE QUE FORMA?							
A COMUNIDADE CONTINUA VIVENDO DA PESCA E DA ROÇA?							
QUAIS OUTRAS ATIVIDADES LUCRATIVAS DESEMPENHADAS?							
O TURISMO AFETOU A COMUNIDADE NOS ÚLTIMOS 20 ANOS?		S N					
SE SIM, DE QUE FORMA? () POSITIVA () NEGATIVA () OUTRO:							